

coisas
ao redor

resumo



Este é um livro de bolso. Esta é a dimensão do texto: são páginas, palavras e imagens que cabem no bolso, na bolsa, na gaveta. Faz um tempo que o mundo se apresenta, a meu olhar, em fragmentos. Aqui, a ilha, a casa, a gaveta, a pedra, o abismo, a montanha, o vulcão, as coisas e o amontoado são vistos de perto, cabem na palma da mão.

palavras-chave

bolso; fragmento; coisas; arredores

summary



This is a pocket-sized book. This is the scale of the text: pages, words, and images that fit in a pocket, a bag, a drawer. For some time now, the world has presented itself to me in fragments. Here, the island, the house, the drawer, the rock, the abyss, the mountain, the volcano, the things and the pile are seen up close — they fit in the palm of a hand.

key-words

pocket; fragment; things; surroundings

✱

ilha 9

casa 21

gaveta 37

pedra 49

abismo 73

montanha 95

vulcão 121

coisas 141

amontoadado 167

✱

o que eu levo nos bolsos

um isqueiro
amarelo
um pouco
de areia
moedas brilhantes
teu nome
anotado
num papel dobrado

minha praia
de bolso

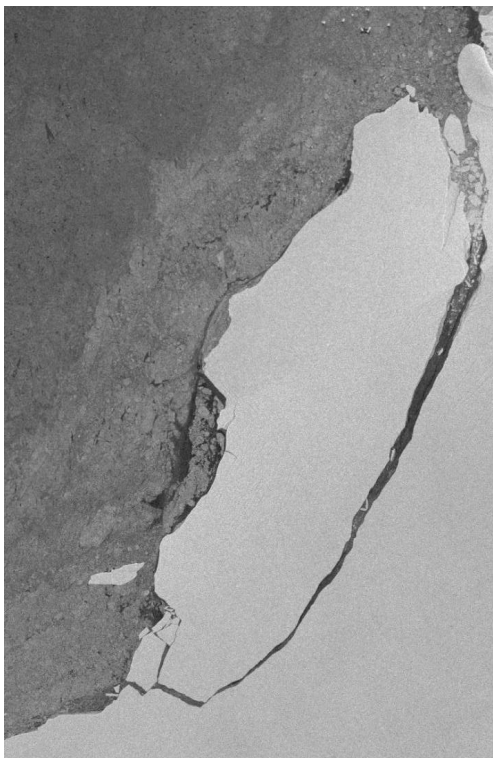
um isqueiro
amarelo
um pouco
de areia
moedas brilhantes
teu nome
anotado
num papel dobrado

meu deserto
de bolso

Ana Martins Marques

*

ilha





Iceberg A-68

*

A jornada percorrida pelo iceberg A-68 é lenta e vagarosa. Começa como uma fissura numa plataforma de gelo, que leva longos sete anos para se desprender. Após o rompimento, pouco se movimenta por um ano inteiro. Depois, vai vagando e girando, até quase se chocar, colidir, encontrar com uma ilha.

À medida em que se aproxima, o imenso fragmento vai se partindo, transformando-se em outros tantos incontáveis pedaços.

Com o livro de Ana Martins Marques nas mãos, imagino um caminho que vai *de uma a outra ilha*.¹ A geleira olha para a ilha e ela lhe devolve o olhar. Assim começa o percurso. *Toda ilha é um convite à viagem*.²

1 A frase destacada é título de um poema longo da autora. In: Marques, 2023.

2 Kersauson apud. Vaga-Mundo: Poéticas Nômades, 2015.

Ilha nascendo

*

Nasceu, em outubro de 2023, uma ilha no Japão.

Ilha que nasce de dentro do mar, de erupção vulcânica submarina. Perto de outras ilhas, nasce pertencendo a um conjunto - um arquipélago, o Ogasawara.

Quando Édouard Glissant conversa com Hans Ulrich Obrist sobre o arquipélago, conta que o vê como espaço de relação e passagem. Vê o futuro nas mãos das pequenas ilhas, países e cidades - como Lamentin, uma cidadezinha na Martinica, ilha que é seu país. De pedra em pedra, de paisagem em paisagem, dos morros à selva, à praia, ao mar - *de uma a outra ilha*³ - o arquipélago possibilita *unir litorais e aproximar horizontes*.⁴

3 Marques, 2023.

4 Glissant, 2023, p. 22.

*uma ilha desponta na densa cerração
e vem até nós
imponente em seu movimento
mas ainda assim tranquila
tranquila e destemida
como apenas uma ilha
antiga como só
ela pode ser
e nos encara
e pensa
e então estaca e fica parada
imóvel
completamente imóvel
como apenas uma ilha
pode ser imóvel*

Jon Fosse

-5343

novo 3/4 carrocei-

AO Caminhões:
na Tratar: 3363-

casa

INHÕES Merce-
Toco e 3/4). Con-
3355-5100/ (61)

IIA

R\$65.000 aceito
74/9867-1105

e carretas Guer-

KS

pr feito vendo / fi-
8381

no vendo/ finan-
1/8403-1986

vendo/ financio/
103-1986

or Vendo/finan
in 0027.222

BARCOS E LANCHAS

FOCKER 215 280 gt. 2010 370hs
wallmultimarcas.com.br 3363-9888

FOCKER 215 255 2007 motor 255
wallmultimarcas.com.br 3363-9888

PROCURAMOS EMBARCAÇÃO

O GRUPO DE PESQUISA Vaga-
mundo: Poéticas NômadeS solici-
ta o empréstimo de embarcação
de qualquer tipo para expedição ar-
tística à Ilha do Retiro, em Brasi-
lia, no dia 09/05/2015. Tratar:
9979-4302 / 8148-9183

LANCHA 19 Pes Motor Jhonson
115HP, excelente estado
R\$25.000,00 Tel 8115-5352

MAGNA 21 Pouco uso, motor Jhon-
son, 115Hp. Vd/Tr/facil 9983-3780

MOTO AQUÁTICA

& SI

4.1 Constr

- Cons
- Deco
- Pisc
- Poço
- Servi
- Manu

4.2 Moda e Bel

- Aces
- Costu
- Comé
- Perfu
- Esteti
- Jóias
- Produ
- Equip
- Roups
- Salão
- Salão
- Divers

4.3 Saúde

- Massag
- Médico
- Odonto
- Outras
- Planos
- Produ
- Equipm

Superfície desalagada na moldura líquida da cidade, um cerro cercado de água por todos os lados, a *Ilha do Retiro* rompe com o projeto moderno de um lago ornamental. A formação rochosa sitiada possui a extensão territorial de um campo de futebol e ecossistema composto por resquícios de paisagens. As bordas avermelhadas, entre a água e a terra, são sobras das edificações recentes que foram rejeitadas na grande porção líquida doce e reunidas nas margens. Os animais terrestres são identificados pelos rastros, índices interpretáveis de uma ausência presente. No dia 06 de maio de 2015, às 10h42, atravessamos o lago em um barco emprestado, permanecemos 6 horas em estado de ilha e retornamos com souvenirs.

Expedição artística à Ilha do Retiro
Vaga-Mundo: Poéticas Nômades
2015

*

*o que nos faz desejar uma ilha?
o que nos convoca a desembarcar?*⁵

Em 2015, o grupo Vaga-Mundo: Poéticas Nômades⁶ realizou uma *pequeníssima navegação*⁷ - uma expedição à Ilha do Retiro, em Brasília. Uma ilha quase despercebida, porção de terra que flutua no Lago Paranoá.

Com um anúncio no jornal, conseguiram carona. No dia 06 de maio de 2015, às 10h42, partiram e passaram algumas horas em estado de ilha. Trouxeram de lá imagens, palavras, sons e pedras.

5 Dias, 2018, p. 259.

6 O grupo Vaga-Mundo: Poéticas Nômades [UnB/CNPq] celebrou, em 2024, dez anos de atuação. Coordenado pela professora-artista Karina Dias, articula projetos que versam sobre paisagem, viagem, geopoética, lugar e modos de imaginação. Em 2024, passei a integrar o grupo, junto a outros artistas.

7 Vaga-Mundo: Poéticas Nômades, 2015.

A artista Luciana Paiva trouxe dessa experiência a *palavra-ilha*. Como coisa, como porção de terra, como atalho. Como palavra que se avista à distância. Antes que encontre seu eixo, antes que seja capturada pela página, a palavra flutua, como a ilha. *Sozinha, de longe, acena à margem*.⁸

*Olhar a palavra como se olha uma pedra, “em toda sua espessura”, girando-a na ponta dos dedos, tateando seu sentido e seu segredo, sua “carnadura concreta”. Olhar a palavra como coisa e partir dela para o lugar. (...) E então, ao olhá-la de perto e por muito tempo, esperar surgir uma dobra, uma fissura, uma abertura. Esperar que ela revele o lugar.*⁹

8 Paiva, 2018, p. 301.

9 Ibid., p. 297.

*

casa





Casa - o céu de onde nasci. O café que passo, todos os dias, pela manhã. Todas as palavras estão ali, bem cedo, depois elas se esvaem.

A casa se encontra em algum lugar pela manhã, assim sempre me pareceu. Essa hora, *uma hora que tem força, porque virgem, nascente (...)* é a hora da esperança e tem desta todas as características.¹⁰

Na casa de Neauphle-le-Château, Marguerite Duras conta que, todas as manhãs, escrevia. Foram dez anos nessa casa. Ia ao mercado, ao café, mas ao mesmo tempo estava ali. Sentia-se só, de uma solidão feita. Mas permanecia, na casa e com a escrita, *essa espécie de vulcão*.¹¹

Casa habita o espaço - e o tempo. O quarto, a cozinha, a sala. E também os hábitos que construímos nesses e com esses lugares, aquilo

¹⁰ Duras, 2009, p. 241.

¹¹ Duras, 2021, p. 35.

que fazemos e refazemos, aquilo de todos os dias, aquilo que se repete - nossos rituais.

*Meu quarto não é uma cama, nem aqui, nem em Paris, nem em Trouville. É, sim, uma certa janela, uma certa mesa, o hábito de usar a tinta preta, marcas de tinta preta impossíveis de encontrar, é uma certa cadeira. E certos hábitos que reencontro sempre, aonde quer que vá, onde quer que esteja, mesmo nos lugares onde não escrevo (...)*¹²

¹² Duras, 2021, p. 25-26.



Fogo rosa ou pelúcia II (vórtice)
Marcela Novaes
2021



Incidente/sonho VII
Marcela Novaes
2021

*

Habitamos a casa. Mas ela, onde habita?

Nossas memórias? Nossos sonhos? Nossa vizinhança? Nossos quintais? Nossas ruas? Nossas cidades? Nossas mesas? Nossas fotos?

Uma vez anotei - *qual a paisagem que está dentro de você?* A casa como algum lugar entre o horizonte externo e a vida interior. Como a paisagem que se esconde atrás dos olhos, aquela que nos acompanha. Como uma mistura entre sair e voltar, que há neste texto, que há em mim. Como fronteira.

*entrar no espaço interior equivale a sair
a estar no topo de uma montanha
ou na borda do mar*¹³

13 Garcia, 2014, p. 20.

Fecho os olhos, relembro. Os quintais de interior, a mangueira que me esperava na descida, aquela casa amarela onde não morava ninguém, a subida que era como uma montanha, os capins pelo matagal, as nuvens ao fundo, sempre ao fundo, os pássaros no fim da tarde, aquela casa demolida, tudo que sumiu e só restou o terreno, vazio, os tijolos embalados, o brinco esquecido na árvore, a parede azul descascada logo na curva, a sensação de estar na rua - e a de chegar em casa.

Os arredores das casas onde vivi são memórias presentes. Quando se anda na rua, as rotas de vizinhança, de quando se está quase chegando em casa já são, de certa maneira, casa também.

Levamos à rua as palavras de casa, guardamos em casa as palavras da rua. *Somos anfíbios:*

(...)
atravessamos sempre a rua como
quem foge de casa
no entanto saímos de casa como
se fosse seguro
que a ela voltássemos
e voltamos, quase sempre, cheios
de fuligem e árvores
e arranha-céus e medo
carregamos o tijolo das paisagens
dormimos
sobre o cimento dos anos
entramos em casa como num lago
quieto e fundo
saímos de casa como se
entrássemos num rio
que sempre muda, transitamos
por ambos os meios,

*ambas as vidas, acreditamos
encontrar a casa em casa
e a rua na rua, como se entre a
casa e a rua houvesse
uma língua comum, ou como se
fossemos bilíngues,
levamos à rua palavras de casa
guardamos em casa palavras da
rua, parece simples,
fazemos isso todos os dias, somos
anfíbios
(...)*

Ana Martins Marques









*

gaveta

*Em algum lugar da
escrivania, há uma
pasta: filmes por fazer.
Dentro dela, a desordem:
cartas, rabiscos, recortes
de jornal, fotos, páginas
arrancadas de livros,
retalhos de pano...¹⁴*

14 Fellini apud. Tassone, 2009.



Vínculo
Manuela Costa Lima
2019

Com o tempo fui percebendo, o espaço da gaveta é como meu espaço de ateliê.

Demorou até que me desse conta. Nos anos vivendo em Curitiba, numa mesma casa, em dois quartos diferentes, os primeiros objetos artísticos que me apareceram passavam um tempo guardados na gaveta. Soltos ali, entre outras coisas, meio bagunçados, esquecidos. Aos poucos se acumulavam.

Como ouvi do Gê Orthof, a função do bolso [como a da gaveta] é contraditória - *carregar, esconder e guardar*. São segredos.

Meu trabalho então se colocou como uma espécie de *resgate*, resgatar as coisas espalhadas, reencontrá-las, vê-las em conjunto. Dentro de casa, habitam pedaços de outras casas.

Brasília, agosto de 2024

Na gaveta da cômoda, pequenas imagens convivem com pequenas coisas. Imagens que vêm de um arquivo de fotografias de meu pai. Procuro, dentro de suas fotos, outras fotos. No canto, no fundo, no horizonte. Ao redor delas, algumas coisas - uns pedaços de azulejo e de plástico, algumas sementes, um grampo, uma pedra - que vieram de recentes encontros corriqueiros ou de reencontros com objetos já guardados. Conectam-se com uma pesquisa iniciada em 2020, da criação de uma coleção de pequenos itens. Com ambas na palma da mão, percebo que se arranjam de três em três - uma imagem e mais duas coisas. Formam conjuntos que poderiam estar no bolso.









vaso de plantas na primeira casa que morei
[1993, Vila Santa Rita, Franca, São Paulo]

sementes da árvore tento-vermelho
[2024, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal]

azulejo branco que ficava perto dos brincos
[2024, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal]

mulher olhando para o mar com a câmera
[1998, Natal, Rio Grande do Norte]

pedaço de chão encontrado há pouco tempo
[2023, Asa Sul, Brasília, Distrito Federal]

broche com três elefantes
[2019, Alto da Glória, Curitiba, Paraná]

mesa do café manhã ou da tarde

[1993, Vila Santa Rita, Franca, São Paulo]

um arco

[2021, Alto da Glória, Curitiba, Paraná]

azulejo branco e azul-claro há pouco tempo

[2024, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal]

cadeira do clube, manga rosa-clara, mãe

[1995, Clube de Campo, Franca, São Paulo]

carrego sempre um grampo

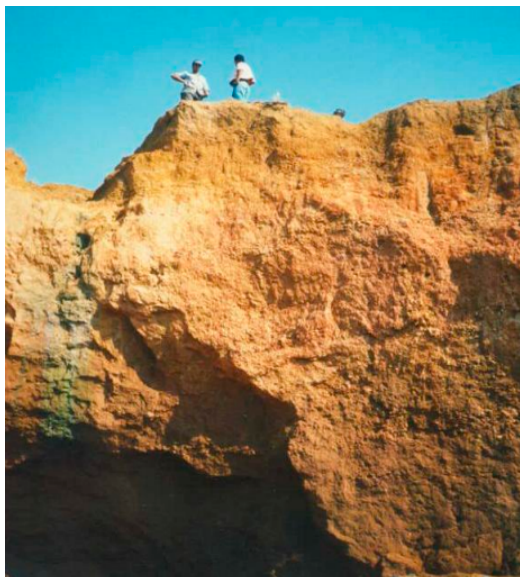
[2024, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal]

rasgo de revista que fez toda a viagem

[2023, entre Curitiba e Brasília]

*

pedra



Franca, *cidade da memória*,¹⁵ no interior do estado de São Paulo, é conhecida como cidade das três colinas. Há três grandes e suaves elevações no terreno - as colinas da Estação, do Centro e da Santa Rita.

Esse chão, como qualquer chão, é movediço. Das memórias mais antigas e mais presentes, da vista da sacada, da janela ou da rua, a cidade ia crescendo - ou caindo - no horizonte.

Debaixo das colinas, antes mesmo delas, nos terrenos mais antigos, habitam dois tipos de rocha - o arenito e o basalto. As primeiras, formadas com a compactação da areia desértica, estão lá no fundo, nas áreas mais baixas da região. Ao longo do planalto Franca - Pedregulho, nas profundezas, todo o pacote de arenito é formado pelo arenito botucatu, de coloração avermelhada, correspondente ao

¹⁵ Garcia, 2023, p. 97.

Deserto Botucatu, um imenso deserto que ia do sul de Minas Gerais até o Uruguai. As rochas de basalto, magmáticas, se originam de lavas vulcânicas, que se esparramaram pela superfície e foram resfriadas, dando origem a uma rocha escura e resistente. A chamada terra roxa tem origem na atividade vulcânica que ocorreu na região, há cerca de 131 milhões de anos atrás.¹⁶

Da areia solta para a rocha de arenito, formam-se as chamadas paleodunas: as dunas fósseis. Areia que vira fóssil. Essas rochas foram usadas para fazer calçada. Caminhamos, ainda, de alguma maneira, sobre o deserto.

Pedras que nos contam uma história geológica desértica e vulcânica. Um deserto que nenhum de nós viu. Um vulcão que nenhum de nós viu. Mas é ele, o deserto, que nos conduz *ao estado de errância que engendra sempre, ou quase sempre, a ideia de um incessante começo*.¹⁷

16 Gonzaga, 2008.

17 Lima, 2016, p. 88.











*

Há alguns meses, convivo com uma pedra achada no Condomínio Verde, no Jardim Botânico, em Brasília. De cor marrom prateada, essa pedra foi coletada pela artista Léa Juliana. Chegou até mim em uma disciplina que cursamos juntas - *Métodos de Superfície*, oferecida pelo professor Gê Orthof, na Universidade de Brasília. Apresento algumas páginas do diário de bordo, que foi desenvolvido durante essa convivência.

diário de bordo

a coragem,
o rochedo

ver o mundo é um ato de coragem

o calor do corpo e o calor das ideias
o calor retido pelas pedras

*a pedra bologna, encontrada em um vulcão
inativo, emite um brilho por horas, até dias,
quando exposta ao calor e à luz do sol*

*um dia me disseram que eu tinha uma
natureza mineral¹⁸*

antes, a força do antes

*não é notável que as palavras das
substâncias rochosas sejam por si só
palavras duras?¹⁹*

*certas palavras muito
amadas pela mão:
granito²⁰*

18 Jordão, 2024, p. 5.

19 Bachelard, 2001, p. 163.

20 Delétang-tardif apud. Bachelard, 2001, p. 162.

quando seguro
e parece ter a pedra o tamanho da mão

pó de pedra

mancha a superfície
mancha minhas mãos
mancha a mesa e o lençol

me pergunto que superfície é essa

a superfície da pedra
na superfície da mão
na superfície da mesa

a mão que segura a pedra
vai se avermelhando

mas,
na maior parte do tempo
a pedra habita um novo bolso
de uma nova bolsa

fica escondida

como aquelas palavras -
pedra é *solidez íntima*

no bolso no fundo da bolsa
nas camadas profundas
nos terrenos antigos

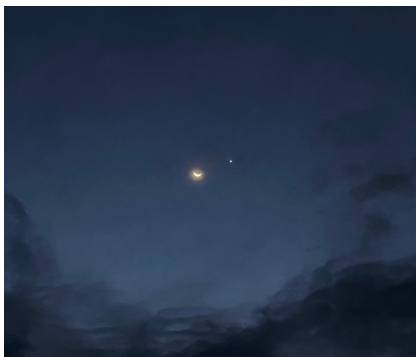
*o que se vê ao longe,
o que cabe na palma da mão*²¹

a primeira pedra que me interessou
foi o *meteoro*

pedra do céu
enterrada

²¹ Mendes, 2024.



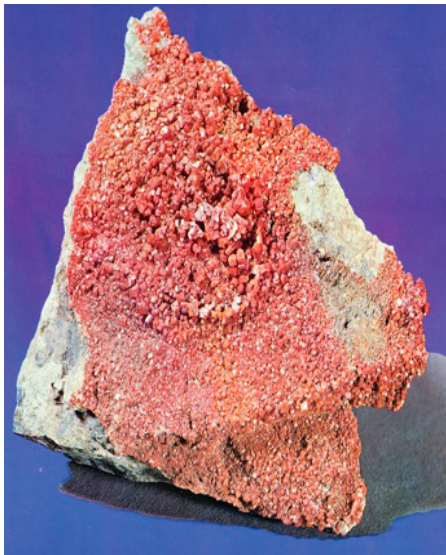


lua, vênus e plutão

*uma tonelada dentro do
peito da vênus, outra dentro
do peito da lua: um corpo
carregado de pedras²²*

22 Ukan, 05.12.2024.





páginas 68-69 *

Sem título

Michel Zózimo

s/ data

dia de eclipse

de quinta pra sexta
a lua se esconde
se avermelha

a luz
da lua
na terra

a lua brilha
a pedra brilha

*é preciso presença
para atravessar os dias
próximos aos eclipses²³*

²³ Ukan, 11.03.2024.

*

abismo

*rasguei um pedaço do mapa
de modo que o grand canyon continua
na minha mesa de trabalho
onde o mapa repousa*

*desde então minha mesa de trabalho
termina subitamente num abismo*

Ana Martins Marques

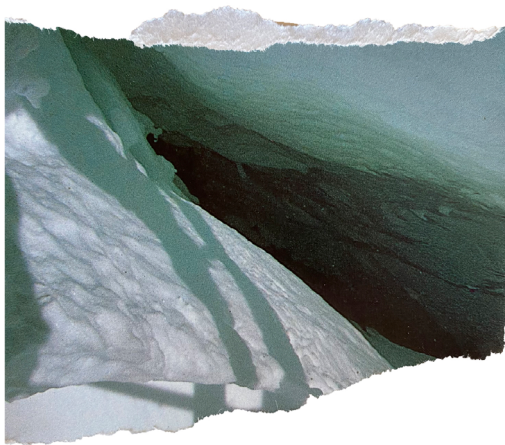
Brasília, junho de 2024

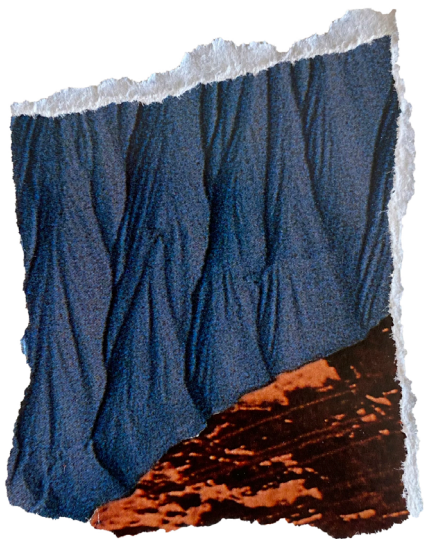
*Paisagem é fragmento.
Flutuam em mim as
palavras - queda,
linha e escuro. A partir
delas, e com rasgos de
revistas geográficas,
algumas imagens.*







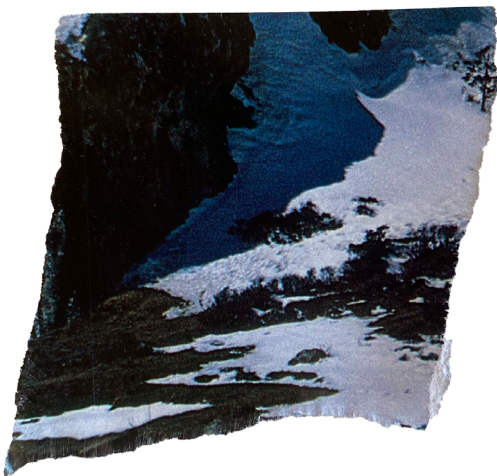


















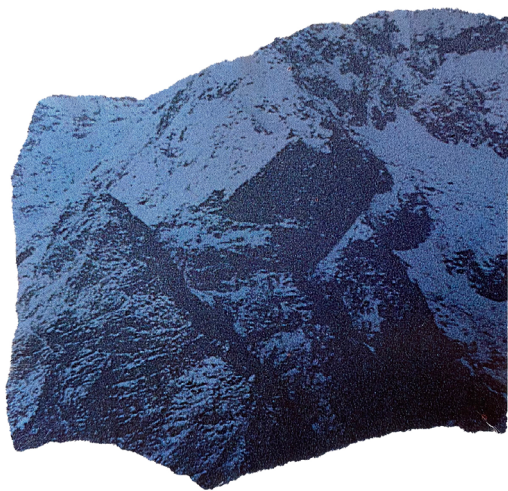












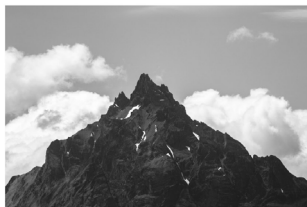
*

montanha

*olha o mundo fora,
procura dentro, a maior
de todas as montanhas:
uma paisagem de si²⁴*

²⁴ Ukan, 26.01.2025.







páginas 98-100 *

Diário de Bordo

Karina Dias

2016

Nasci nas colinas. Colina vem do latim, *colina*’e, significa *região com montanhas*.

Quando penso, hoje, na palavra *montanha*, lembro de uma das últimas leituras que fiz. Ele falava das *montanhas esquecidas*, dos *territórios vazios* e dos *campos invisíveis*. Falava do *espaço da montanha imaginária* entre as cidades.

Ele falava e eu imaginava as montanhas que não mais vemos, as que já houveram, as que já foram - e me perguntava quais pistas a gente tem para imaginar como era aquela paisagem, a que percorremos hoje, há milhares e milhares de anos?

No livro, ele falava das montanhas do cerrado.²⁵ Esse bioma que data de sessenta e cinco milhões de anos. O que hoje é o cerrado brasileiro

25 Caballero, 2016.

existia como parte do antigo escudo cristalino da América do Sul - uma formação rochosa muito antiga, como o esqueleto geológico do continente. Antes de tudo, cerrado era rocha. Hoje, cerrado é *floresta invertida*.

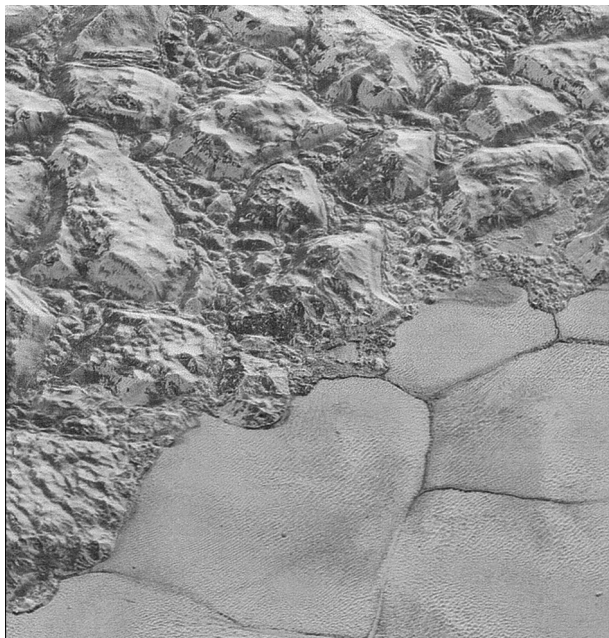
*

De lá, viajamos longe, para onde habitam outras montanhas, as do planeta Plutão. Compostas de gelo, e não de rochas, flutuam num oceano gelado, junto de crateras, planícies, vales e vulcões. Parecem-se mais com icebergs.

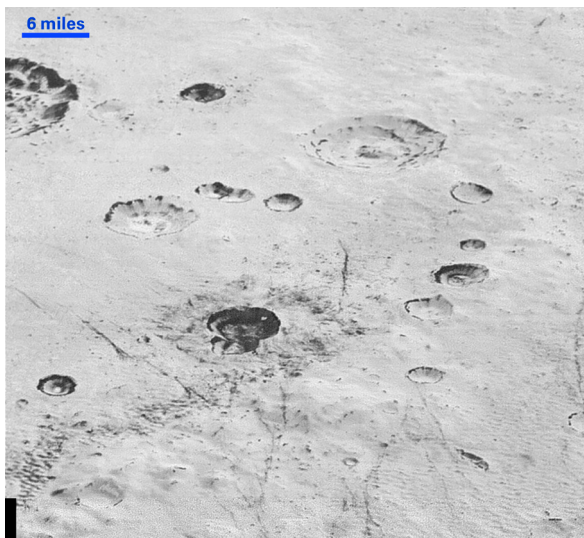
Depois que a sonda New Horizons passou pelo planeta, pudemos observar, de perto, as feições de sua superfície, de seu relevo e de suas montanhas. As regiões plutônicas foram nomeadas em 2017. Dentre os nomes escolhidos, figuram viajantes e seres mitológicos.

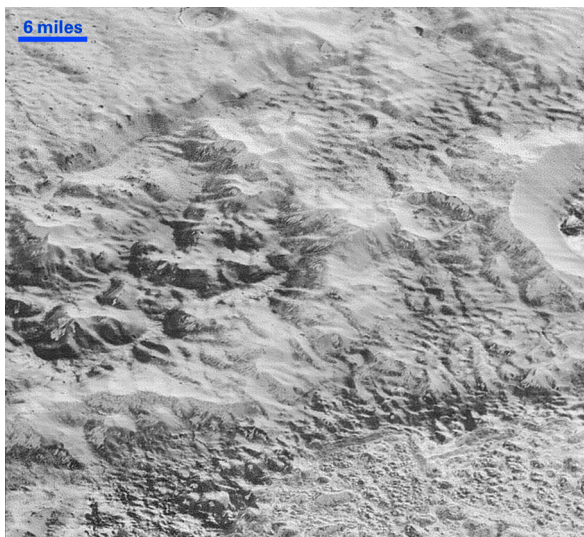
Em 2015, a sonda New Horizons nos contou que a superfície de Plutão é colorida com azuis, amarelos, laranjas e vermelhos mais escuros. Plutão, assim como a Terra, possui uma espécie de céu azulado. Dança com cinco luas. Seu relevo, marcado por um grande número de cadeias montanhosas, indica uma idade geologicamente jovem. Apesar de ser um mundo gelado - 5 bilhões de quilômetros do Sol - abriga em seu interior um oceano subterrâneo em estado líquido, um mar revolto abaixo da crosta congelada.²⁶

26 Mensagem recebida de Fabricia Jordão, 2022.









*[do lado de dentro]
o que ela vê quando fecha
os olhos? linhas sinuosas, um mapa
feito à mão, parece uma pista vista de cima -
os campos cortados ou poderia ser
uma sombra riscando o verde quando passa
lá no alto.*

*o que ela vê quando
olha em linha reta tentando
descrever
a garota que conheceu no café?*

(...)

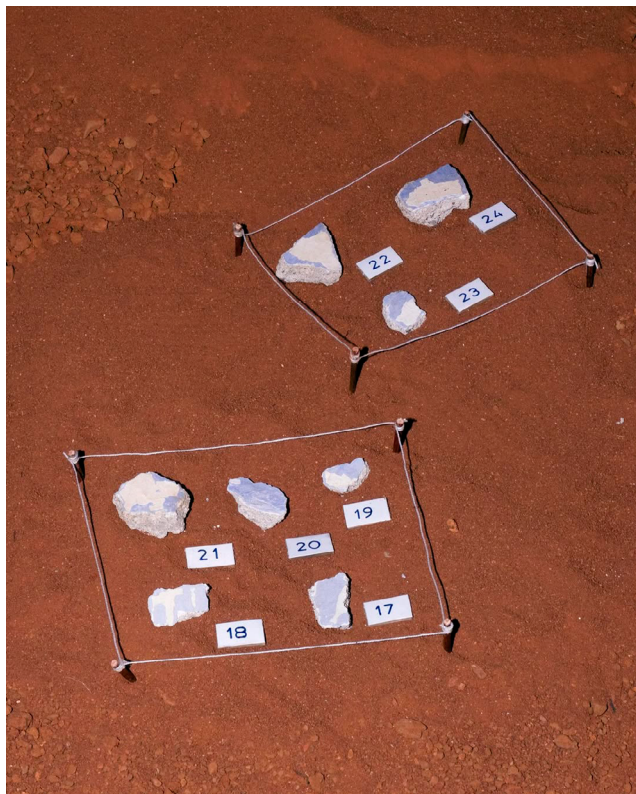
[de fora]
não é por falta de repetição, mas não
encontrava a palavra exata.
o que ela vê não sabe e tudo fica tremido
se fast forward.
agora fecha os olhos para
entender, para ir mais
devagar.

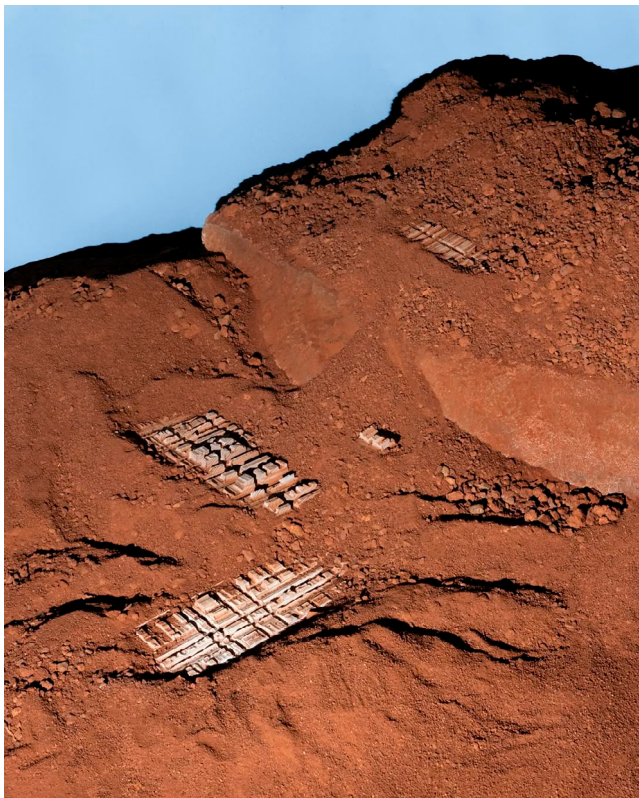
(...)

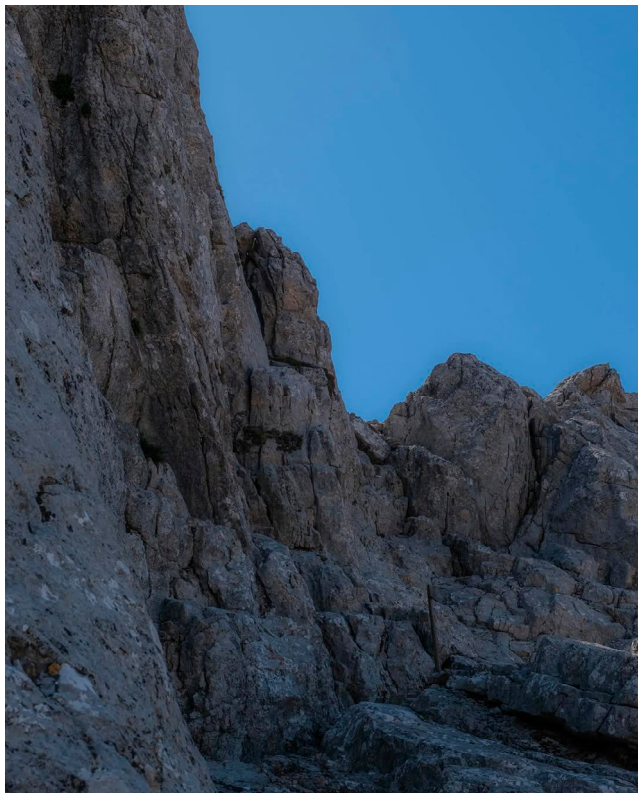
o que ela vê ao abrir a
claraboia? ao bater aquela foto da
ponte ou quando lê
a legenda:
“nos abismos a vida é submetida
ao frio, escuridão, pressão.
oito mil metros de profundidade”
uma montanha
ao contrário

Marília Garcia













páginas 112-118 *

As Montanhas Asterousia, Iris
Millot e Ambre Husson, 2024

As artistas Iris Millot e Ambre Husson estiveram juntas numa residência em meio das montanhas de Creta. Ali, conviveram e trabalharam com arqueólogos.

Imaginaram quais seriam os seus próprios sítios arqueológicos - e recorreram aos aterros sanitários da região. Ao ar livre, perceberam que esses lugares cobrem vestígios de civilizações, como um sítio arqueológico do futuro.

As montanhas, enormes, levaram-nas aos pequenos fragmentos.

*

vulcão





o deserto

A uns trezentos ou quatrocentos metros da pirâmide me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais adiante e disse em voz baixa: estou modificando o Saara. O ato era insignificante, mas as palavras nada engenhosas eram justas e pensei que fora necessária toda a minha vida para que eu pudesse pronunciá-las. A memória daquele momento é uma das mais significativas de minha estadia no Egito.

Jorge Luis Borges

A lua em leão caminha na direção do Sol em sagitário, por trígono: fogo. A vênus em aquário e o júpiter em gêmeos fecham outro trígono: ar. A paisagem hoje é vulcânica, cheia de ventos fortes. A vênus e o júpiter são dois benéficos, planetas férteis que nos trazem auxílio e proteção. Quando conversam tão fluidamente como hoje, mesmo a maior tempestade deixa de dar medo, torna-se bela. A lua, que vai sozinha, carrega do seu último encontro - uma oposição com a Vênus - o desejo de espalhar todo o fogo com o próprio ar, que carrega no pulmão e que sai pela boca.

Thays Ukan, @sollsticios, 19.12.2024

página 122 *

Quando a fé move montanhas,
Francis Alys, Lima, Peru, 2002 -
15 min. 09' Em colaboração com
Cuauhtémoc Medina e Rafael
Ortega.

Um projeto de deslocamento geológico. Numa região desértica nos arredores de Lima, no Peru, Francis Alys convocou cerca de 500 pessoas para formar uma linha numa duna. Num gesto pequeno e repetitivo - cada um com uma pá - empurraram certa quantia de areia em pequenas distância, movendo a montanha alguns centímetros de onde estava.

página 123 *

La Soufrière, Werner Herzog,
1977. Documentário, 30 min.

Em agosto de 1976, o vulcão La Soufrière - na ilha de Guadalupe - começou a mostrar sinais de erupção. Quase toda a população deixou o local, que ficou praticamente deserto - a não ser pela erupção iminente e por um camponês que se recusa a ir embora. Herzog viaja com sua equipe para registrar os acontecimentos.

Em *O vulcão e o deserto*, Karina Dias relata uma passagem por uma região desértica anos após ter sido devorada pelo fogo de um vulcão. Conta que tudo ficou *encoberto por uma espessa camada de cinza preta*,²⁷ e que nunca se esqueceu do silêncio da paisagem, e o dela própria, diante do que via. *Não havia vento, não havia pássaros, não havia árvores frondosas, não havia verde, não havia céu azul, não havia vilarejo, não havia ninguém, (não)havia*.²⁸

Quando Werner Herzog visita o vulcão La Soufrieré, na ilha de Guadalupe, chega dias antes da iminente explosão. Do que resta, ela fala das cinzas; no que precede, ele fala da fumaça. O medo que rondava o vulcão La Soufrieré vinha de uma outra erupção que aconteceu numa ilha vizinha, em 1902. Lá,

²⁷ Dias, 2022, p. 101.

²⁸ Ibid., p. 101.

nuvens densas e quentes de gases, cinzas e fragmentos de rocha desceram pelas encostas do vulcão, destruindo, explodindo. Tudo durou só alguns segundos. Na ilha de Guadalupe, Herzog anda pela cidade vazia e esfumaçada, e fala, várias vezes, do silêncio.²⁹ A cidade deserta(o).

De uma anotação numa aula da mesma Karina Dias, um questionamento - *o que seria uma imagem vulcânica?*

Que imagem é essa que faz tremer? Um vulcão nunca dorme, está sempre vivo por dentro. A Terra em movimento. A principal fonte de informação sobre o interior terrestre vem do estudo da propagação das ondas elásticas geradas pelos abalos. Subterraneamente, da crosta para o manto, há um aumento brusco das velocidades sísmicas. Depois de cerca de três mil quilômetros, a velocidade baixa, também bruscamente. É o núcleo - em estado de fusão.

²⁹ Herzog, 1977.

Nessa aula, Karina Dias nos lembrou - como ela sempre faz - que *ver o mundo é um ato de coragem*. E, para além de *olhar*, é preciso *escutar*.

Num conto, Verônica Stigger imagina o som dos vulcões:

Somente depois que se fez silêncio no mundo foi possível distinguir com alguma nitidez o coro dos vulcões. (...) O som gerado pelos vulcões não lembrava em nada qualquer som produzido pelo aparelho fonador humano. Tampouco havia algum aspecto que remetesse ao som emitido pelos animais. Também não era como os demais sons gerados pela natureza, como o trovão mais violento, ou o tambor do vento batendo na janela nos dias mais frios do inverno, ou a metralha da tempestade caindo sobre um teto de zinco, ou as ondas do mar se chocando contra as pedras nos dias de ressaca, ou o rio correndo, ou o volume colossal de água da cachoeira despencando violentamente, ou as

folhas das árvores tremulando nas florestas, ou o fogo crepitando, ou as asas dos pássaros se agitando. Muito menos se configurava como um som artificial, como o dos fogos de artifício, das buzinas dos carros, de uma porta batendo, de uma âncora sendo lançada ao mar, de um martelo golpeando um prego na parede, de um chocalho de xamã, de sinos de uma igreja, de uma britadeira furando a calçada, de uma moto acelerando a toda velocidade, de qualquer instrumento musical, de um espanta-espírito agitado pela brisa. Era outra coisa: um ruído contínuo ao qual, por vezes, a intervalos de tempo difíceis de ser determinados, se sobrepunham sons que se tornavam paulatinamente mais graves para, em seguida, ir subindo aos poucos no espectro acústico até atingir o mais agudo. Qualquer comparação seria imprecisa, porque não se parecia com nada que conhecemos. (...) Não era um som alto. Diria até quase imperceptível. Não era portanto como o grito de um

*vulcão entrando em erupção, o grande grito da natureza, como alguém o definiu outrora. Pelo contrário, tinha a impressão de que aquele coro só podia ser entoado em estados de profunda calma. Era um som discreto e algo melancólico. Embora quase inaudível, era potente. Não sei dizer se era bonito. (...) Era um som que envolvia os poucos que o escutavam: constante, parecia, depois de um tempo, se integrar aos nossos próprios pensamentos (...)*³⁰

Um ruído contínuo e constante. Um vulcão em nossos pensamentos. *Seu canto agora tomava a forma de um segredo.*³¹

Veronica Stigger estuda, também, o Vulcão Edfell, vulcão que nasceu no mesmo dia que ela. Um vulcão aquariano, nascido em 23 de janeiro de 1973. Edfell significa *montanha de fogo*.³²

³⁰ Stigger, 2024. p. 13.

³¹ Ibid., p. 22.

³² Stigger, 2021.

Essa mesma autora lançou um livro vulcânico, o Krakatoa. Busco pelo nome e descubro - Krakatoa é ilha vulcânica; uma grande erupção em 1883 mudou a geografia do local: a ilha desapareceu, foi riscada do mapa; tudo ficou escuro, cheio de poeira; a erupção produziu o som mais alto já ouvido na história; um buraco se abriu no mar; um lago se formou na cratera do vulcão; as cores da céu, em lugares distantes, mudaram; quarenta e quatro anos depois, uma nova ilha emergiu da caldeira formada; no local, ainda há atividade eruptiva.³³ E o que mais me chocou - a última erupção registrada ali aconteceu no dia 03 de Fevereiro de 2022, o dia do meu aniversário.

33 BBC Brasil, 2020.









páginas 134-135 *

Homem posa ao lado de coral arremessado pela erupção do Krakatoa sobre a região de Anjer, na ilha de Java, 1885.

Anak Krakatoa [Anak Krakatau, em indonésio] é o filho do Krakatoa - assim se nomeia o vulcão que emergiu da caldeira formada após a grande explosão. Na imagem, cinzas de uma explosão anterior se depositam à esquerda, à direita, uma nova surge.

páginas 136-137 *

*Vulcões: A tragédia de
Katia e Maurice Krafft,*
Sara Dosa, 2022

Com imagens de arquivo,
o filme conta a história
de Katia e Maurice Krafft,
um casal de vulcanólogos
franceses que dedicaram
suas vidas ao estudo de
vulcões ativos.

*

coisas

*Há tantas coisas, tantas palavras, tantas imagens pelo mundo.*³⁴ Lembro de um verso de Amílcar de Castro - *preste atenção às coisas mais próximas*. Uma ideia que me acompanha há algum tempo, que diz desta pesquisa, de como ela aconteceu, e de como ela continua.³⁵

As coisas próximas, as coisas do mundo, nos olhares de todo dia. Como escreve Karina Dias, *a paisagem cotidiana se revela em meio às coisas*.³⁶ É assim que *um detalhe, um detalhe qualquer, um quase-nada, um não-sei-o-que*,³⁷ chega e se torna acontecimento.

Ler o mundo com as mãos, com a ponta de nossos dedos, pelos detalhes. Ler o mundo

34 Didi-Huberman, 2013, p. 14.

35 Sobre o poema *Ao mais jovem*, de Amílcar de Castro, citado acima, e sobre o continuar, ver: Amílcar de Castro: alteridade e presença como defesa de mundos. In: Jordão, 2022.

36 Dias, 2008, p. 129.

37 Ibid., p. 132.

ligando as coisas do mundo, pelas relações íntimas e secretas, pelas correspondências e analogias.³⁸ Palavras que parecem sussurrar o caminho.

³⁸ Didi-Huberman, 2013.

*todo dia a paisagem é a mesma
mas cada vez que olho ganha
nova camada*

*fecho os olhos e agora é paisagem na
memória superfícies
sobrepostas*

*buscar nessas camadas
um detalhe que venha do futuro
um grão de estrela pairando ali
discreto no ar
uma pequena diferença que mostre
o que está a caminho*

*ler a paisagem com futuro dentro
fazer o futuro entrar na linguagem
e me dizer o que não vejo*

*o chumaço no alto da copa das árvores
por cima o farrapo de nuvem
parece uma nebulosa
ao fundo uma pessoa se deslocando
no mesmo ritmo um pequeno pacote
na mão*

*agora aperta o passo
abre o guarda-chuva o pacote debaixo do
braço
vai com pressa alguma coisa no ar
uma partícula de poeira um cisco
no olho do poema vai me dizer
o que fazer*

(...)

Marília Garcia







páginas 146-148 *

Ana Prata, *Boa hora*, 2023

Ana Prata, *Galáxia*, 2020

Ana Prata, *Sacola*, 2021

As últimas exposições da pintora Ana Prata levaram os nomes - *a vida das coisas*, *ritual do habitual*, e *oferenda*. Numa entrevista sobre a primeira delas, a artista faz uma reflexão sobre o tema da exposição - *a vida das coisas* - e de como nós nos organizamos, como categorizamos e separamos as coisas.

A artista reconhece e comenta sobre a dimensão da natureza-morta presente nas pinturas, mas diz que nem todas elas são, necessariamente, naturezas-mortas. *Às vezes são apenas figuras, frutas e flores, ou apenas símbolos. Mas há sempre frutas, flores e jarras.*³⁹

São prazeres mundanos - harmonia, beleza, alegria, amor, desejo. Paisagens domésticas.

39 Prata apud. Mazzuchelli, 2022.

A DIARY OF OBJECTS

a diary of objects for the chilean resistance

in june 1973 the c.i.a., the pentagon, the chilean
right wing and part of the army were openly cons-
piring to overthrow the popular unity government.

i decided to make an object everyday in support
of the chilean revolutionary process.

after the coup d'etat and allende's assassination
the objects intend to support the popular resistance
against the dictatorship.

the objects try to kill three birds with one stone:
politically: ~~stand for socialism~~ stand for socialism
magically: help the liberation struggle
aesthetically: be as beautiful as they can to reconfor-
the souls. give strength.

~~the objects have to be very small in order to travel~~
~~with me. they also are very precacious, i put them~~
~~together with what i find, little nails, wood, glue,~~

looking at them you must always remember i belong to
other culture

i have not chosen to stay in england
~~the objects have to be very small in order to travel~~
~~with me. they also are very precacious, i put them~~
~~together with what i find, little nails, wood, glue,~~

UM DIÁRIO DE OBJETOS

um diário de objetos para a resistência chilena
em junho de 1973, a c.i.a., o pentágono, a direita
chilena e parte do exército conspiravam abertamente
para derrubar o governo de unidade popular

decidi fazer um objeto por dia em apoio ao processo
revolucionário chileno

após o golpe de estado e o assassinato de allende
os objetos pretendem apoiar a resistência popular
contra a ditadura

os objetos tentam matar três coelhos com uma
cajadada só

politicamente: xxxxxxxxxxxx defendem o socialismo

magicamente: ajudam na luta pela liberdade

esteticamente: sejam tão belos quanto podem ser
para confortar as almas. dar força

xx

os objetos têm de ser bem pequenos para viajar
comigo. eles também são muito precários, eu os
coloco juntos com o que encontro, pregos pequenos,
xxx, cola. olhando pra eles você deve sempre se
lembrar que eu pertenço a outra cultura

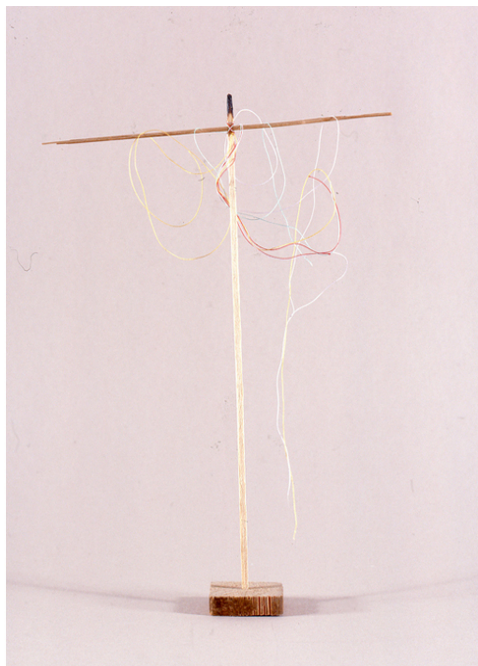
xx

eu não escolhi ficar na inglaterra









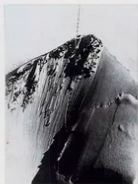


páginas 150-156 *

Um diário de objetos, Cecilia
Vicuña, 1973-74

A artista Cecilia Vicuña decidiu fazer um objeto por dia, todos os dias. São compostos de coisas, pequenas, para que possam viajar. Conchas, fios, tecidos, pedras, pedaços de madeira, etc. Para a artista, os objetos têm função *política, mágica e estética*.











páginas 158-162 *

Atlas, Gerhard Richter, 1960

O artista Gerhard Richter reúne, em seu *Atlas*, uma coleção de fotografias, recortes de jornal e esboços, organizados em folhas soltas de papel. Em suas palavras, tentou acomodar tudo o que tinha entre arte e lixo e que, de alguma forma, lhe parecia importante e não conseguia jogar fora. Atualmente, o *Atlas* é composto por 802 folhas, abrangendo um período de quase quatro décadas.

Todos os dias chegar em casa com um punhado de coisas.

Coisas que transitam - entre o chão, o olho, o bolso e a mão. *Carregar a vida nas mãos.*⁴⁰ Ou, como escreve a poeta Prisca Agustoni, *entender que o mundo é do tamanho da minha mão / aberta: evento interminável.*⁴¹

Essas coisas que chamo de *coisas pequenas* me acompanham há anos. Continuam. A coleção sempre continua - mas se transforma. *As coisas estão sempre ali, aqui, alheias, mas também à espera do nosso olhar.*⁴² Luiza Leite nos relembra a *começar com o que está diante de nós,*⁴³ a *escrever com o que há,*⁴⁴ a perceber

40 Jordão, 2025.

41 Agustoni, 2022, p. 10.

42 Leite, 2024, p. 16.

43 Williams, 2023, apud. Leite, 2024, p. 9.

44 Kamenszain, 2016, apud. Leite, 2024, p. 12.

as *simplicidades que brilham*.⁴⁵ Um saber
construído *na vizinhança das coisas*.⁴⁶

45 Mayer, 1999, apud. Leite, 2024, p. 18.

46 Leite, 2024, p. 12.

*

amontoado

Formatos Mínimos

Residência artística, Vilarejo 21
2023

*Caixa de acrílico ocupada com
pedaços de azulejo e vidro
- os objetos da coleção que
sobraram - um amontoado.*



diário de bordo⁴⁷

sempre me pareceu
que para que
a coleção fosse vista,
era preciso dispô-la
com certo espaço entre

os objetos, os itens, as coisas

se houvesse uma palavra-ponte entre eles

entre uma coisa e outra penso em
salto

47 Reflexões que me acompanharam durante a disciplina *Métodos de superfície*, oferecida pelo professor Gê Orthof, entre 2024-2025, na Universidade de Brasília.

a relação é de salto:
saltar de uma coisa pra outra

penso no que me disseram
do espaço entre parênteses

()

do espaço vazio como espaço de errância

do espaço entre as ilhas
entre os objetos
entre as coisas

mas,
nesses tempos
andei pensando

no amontoado

habita em mim a pergunta feita pela karina



*que linguagem é essa
que sai das coisas
chacoalhando no bolso?*

Um amontoado pode ser pensado como relevo - um conjunto de formas variadas dispostas em monte: um monte de montanhas, de planícies, de planaltos e de depressões. Um monte de coisas sobre a superfície da Terra.

Podemos imaginar, também, um amontoado de estrelas. Mas com uma diferença. Um monte de estrelas pode ser um *aglomerado estelar* ou uma *constelação*. Num aglomerado, a relação entre os componentes se dá pela aproximação física. Numa constelação, pelo significado que lhes foi atribuído. Um aglomerado estelar designa as estrelas fisicamente relacionadas, aquelas que se movem na mesma direção e velocidade. A constelação emerge de uma concepção relacional.⁴⁸ Não há força gravitacional que as una - mas há, nas histórias que se contam, nos desenhos que se formam, na

48 Souto, 2020.

união dos pontos brilhantes, outro tipo de força.

Como nos relembra o Fragmento 124 de Heráclito, *o mundo mais belo é como um monte de pedras lançadas em confusão*.⁴⁹ O amontoado é uma desordem.

Uma coisa é, na verdade, muitas coisas em relação, emaranhadas.⁵⁰ O amontoado também pode ser *um pequeno pacote na mão*.⁵¹ Um punhado de coisas - chacoalhando. Um gesto durante um deslocamento - andar; abrir a mão, olhar as coisas; ver o céu; olhar as coisas; ver o céu; fechar a mão; abrir o bolso; guardar; remexer; esquecer. Há uma nova reordenação das coisas, ali, escondidas e amontoadas - elas se desorganizam. E é nessa desordem que passam a compor uma espécie de arquivo-íntimo. Tem a ver com como dispomos, como recolhemos e como reencontramos tudo aquilo

49 Heráclito. Fragmento 124 apud. Smithson. In: Ferreira, Cotrim, 2006, p. 184.

50 Leite, 2024, p. 19.

51 Garcia, 2023, p. 10.

que se guarda. Olhar as coisas e ver o que resta,
o que sobra, o que volta.

*

Este é um livro de bolso. Ele é feito das coisas que insistem, que encontram, que ficam. Também das que escapam, que chacoalham, que desaparecem. Das coisas que estão entre o carregar, o esconder, e o guardar. O que cabe aqui não é tudo, mas, no bolso, nas mãos, na ponta dos dedos, essas coisas se dobram, se misturam, se desorganizam. Mas voltam. Aparecem. Continuam.

referências



AGUSTONI, Prisca. Rastros. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

ALÿS, Francis; MEDINA, Cuauhtémoc. When Faith Moves Mountains - Cuando la fe mueve montañas. Cidade do México, Madrid: Turner Editores, 2005.

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGES, Jorge Luis; KODAMA, Maria. Atlas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CABALLERO, Daniel. Guia de campo dos Campos de Piratininga ou O que sobrou do cerrado paulistano ou Como fazer seu próprio cerrado infinito. São Paulo: La luz del fuego, 2016.

DIAS, Karina. Diário de bordo [2016]. Disponível em: <https://www.karinadias.net/diario-de-bordo-2016/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

_____. Endereço a vista. In: Diálogos Desloca-dos. 1. ed. Brasília: Tuíã Arte Produção, 2022. p. 101-109.

_____. Notas sobre paisagem, visão e invisão. Visualidades. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual - FAV | UFG. Editora da Universidade Federal do Goiás: v. 6, n. 1 e 2, p. 129-140, 2008.

_____. Observações da ilha. In: Poéticas I: Encontro Internacional em Poéticas Contemporâneas. Brasília: Mira Stella Produção e Arte, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta. Tradução R. C .Botelho e R. P. Cabral. Lisboa: KKYM + EAUM, 2013.

DOSA, Sara. Vulcões: A tragédia de Katia e Maurice Krafft. Estados Unidos: Sandbox

Filmes, 2022. Filme (94 min).

DURAS, Marguerite. Cadernos da guerra e outros textos. Editora Estação Liberdade, 2009.

_____. Escrever. Traduzido por Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

FELLINI, Federico. Entrevistador: Aldo Tassone. Tradução de Fabienne Roche. Fellini por Fellini: entrevista com o cineasta italiano. L&PM Editores, 2009. Disponível em: <https://www.lpm.com.br/site/default>. Acesso em: 02 dez. 2024.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FOSSE, Jon. Poemas em Coletânea. São Paulo: Círculo de Poemas, 2024.

GARCIA, Marília. Câmera Lenta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. Expedição: nebulosa. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

_____. Um teste de resistores. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

GHILARDI, Aline. As pegadas fósseis do interior paulista - O grande Deserto Botucatu, parte I. Colecionadores de ossos, 18 fev. 2011. Disponível em: <https://blogs.unicamp.br/colecionadores/2011/02/18/as-pegadas-fosseis-do-interior-paulista-o-grande-deserto-botucatu-parte-i/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

GONZAGA, Geliane. Voçoroca das Maritacas. Francamente, 8 jun. 2008. Disponível em: <https://blogdogeliane.blogspot.com/2008/06/vooroca-das-maritacas.html>. Acesso em: 25 fev. 2024.

JORDÃO, Fabrícia. Amilcar de Castro: alteridade e presença como defesa de mundos. Texto-palestra para o seminário-exposição Jardim de Amilcar de Castro: neoconcreto sob o céu de Brasília. Disponível em: https://www.academia.edu/120920174/Amilcar_

de_Castro_alteridades_e_presen%C3%A7a_ como_defesa_de_mundos. Acesso em: 29 jun. 2023.

_____. A pele da pintura. - Gustavo Magalhães. Museu Municipal de Arte: Curitiba, 2025.

_____; LAZZARIN, Ana G.; SARTURI, Carol; FERREIRA, Felipe; POLICHE, Gabriela; TARTAS, Giovana; DERETTI, Karla; LIMA, Luiz; DAMICO, Caio; VIERO, Fernando; PIETROSKI, Gerson; RIOS, Juliana; CRUZ, Lenora; DISNER, Rafaella; SARTOR, Roberta. Combinamos de nos encontrar com a pedra / Combinamos de nos encontrar nos bolsos. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2024.

KRAKATOA: a erupção que o mundo inteiro sentiu. Que história!. BBC Brasil. Spotify: 24 jan. 2020.

HERZOG, Werner. La Soufrière. Alemanha: Werner Herzog Filmproduktion, 1977. Filme (30 min).

LEITE, Luiza. A superfície dos dias: o poema como modo de perceber. São Paulo: Círculo de Poemas, 2024.

LIMA, Ludmilla Alves Carneiro de. Noite oblíqua. 2016. 139 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes) — Universidade de Brasília: Brasília, 2016.

LIMA, Manuela Costa. Vínculo [2021]. Disponível em: <https://www.instagram.com/manucostalima/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MARQUES, Ana Martins. De uma a outra ilha. São Paulo: Círculo de poemas, 2023.

_____. O livro das semelhanças. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____; JORGE, Eduardo. Como se fosse a casa (uma correspondência). Belo Horizonte: Relicário, 2017.

MENDES, Elisa de Freitas. O que se vê ao longe, o que cabe na palma da mão [algumas notas]. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade

de Brasília: Brasília, 2024.

MILLOT, Iris; HUSSON, Ambre. As Montanhas Asterousia [2025]. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFvE466N7pO/?img_index=1. Acesso em: 06 fev. 2025.

NOVAES, Marcela. Fogo rosa ou pelúcia II (vórtice); Incidente/sonho VII [2021]. Disponível em: <https://www.instagram.com/mercalanavoes/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

OBRIST, Hans Ulrich; GLISSANT, Édouard. Conversas do arquipélago. Tradução: Feiga Fiszon. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

PAIVA, Luciana. Uma palavra sozinha: pensamento em ilha. In: Poéticas I: Encontro Internacional em Poéticas Contemporâneas. Brasília: Mira Stella Produção e Arte, 2018.

PRATA, Ana. Boa hora [2023]; Galáxia [2020]; Sacola [2021]. Disponível em: <https://www.luisastrina.com.br/artists/247-ana-prata/biography/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

_____. Entrevistadora: Kiki Mazzuchelli. Entrevista: Ana Prata: A vida das coisas. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/entrevista-ana-prata-a-vida-das-coisas/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

RICHTER, Gerhard. Atlas [1962]. Disponível em: <https://www.gerhard-richter.com/en/art/atlas>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SILVA, Madelaine. Nova Ilha Surge no Pacífico Após Erupção Vulcânica; Hypescience, 2023. Disponível em: <https://hypescience.com/nova-ilha-surge-no-pacifico-apos-erupcao-vulcanica/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SOUTO, Mariana. Constelações filmicas: um método comparatista no cinema. Galáxia (São Paulo, online). ISSN 1982-2553, n. 45, set-dez 2020, p. 153-165.

STIGGER, Verônica. Alba. Acervo Pernambuco, s/ data. Disponível em: <https://www.pernambucorevista.com.br/acervo/bot%C3%A3o-vermelho/2716-alba.html>. Acesso em: 14 abr. 2024.

_____. Krakatoa. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2024.

_____. Montanha de fogo. In: Hors-serie Supremos, um convite de Nuno Ramos. Revista Rosa. São Paulo, v. 3, junho 2021. Disponível em: <https://revistarosa.com/3/supremos/montanha-de-fogo>. Acesso em: 14 abr. 2024.

UFRGS. Sala Redenção recebe o cineasta Werner Herzog em meio a ciclo de filmes do premiado diretor alemão. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/difusaocultural/sala-redencao-recebe-cineasta-werner-herzog-em-meio-a-ciclo-de-filmes-do-premiado-diretor-alemao/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

UKAN, Thays. @sollsticios. Disponível em: <https://www.instagram.com/sollsticios/>.

VAGA-MUNDO: POÉTICAS NÔMADES. Ilha [exposição artística]. Elefante Centro Cultural em Brasília, 2016. Disponível em: <https://cargocollective.com/vaga-mundo/ILHA>. Acesso em: 16 ago. 2024.

_____. Expedição artística à Ilha do Retiro. Brasília, 2015. Disponível em: <https://cargocollective.com/vaga-mundo/Expedicao-Ilha-do-Retiro>. Acesso em: 16 ago. 2024.

VICUÑA, Cecilia. Um diário de objetos [1973-74]. Disponível em: <https://www.ceciliavicuna.com/objects/vktlmc2ekb3izsjd1n8irosozo1l6r>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ZÓZIMO, Michel. Sem título [s/ data]. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/michel-zozimo/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

